Carta ao Senhor Padre Michel Simoulin

por Padre Olivier Rioult | 1 de janeiro de 2017 |

O Padre Berto, teólogo de Dom Lefebvre no Concílio, dizia:

> « *quando encontro no meu caminho sacerdotes que fazem uma obra nefasta, a caridade me ordena impedir que seu caráter proteja suas empreitadas.* »

Padre Simoulin, você está fazendo « *uma obra nefasta* ».

Sentimentalismo ou doutrina?

Você se esqueceu de como um confrade, já em 2012, refutou todas as suas "*Reflexões sobre um eventual acordo prático com as autoridades romanas*"? Incapaz de contradizê-lo, você começou a se lamentar dizendo que fazia teologia para « *os espíritos simples* » e não para « *teólogos e intelectuais…* »

Para memória, este confrade lhe recriminava por esquecer de fazer as distinções necessárias, interpretar o pensamento de Dom Lefebvre de forma restritiva e fora de contexto; por ser inclinado a afirmações gratuitas, especialmente sobre o estado da Igreja que seria melhor hoje do que antes; por fazer um julgamento de intenção a todos os opositores ao acordo, atribuindo-lhes uma mentalidade cismática com esta dialética: ou reconciliação ou cisma; por ter o « *erro de raciocinar como se a situação da Igreja fosse normal* »; por « *falar como um sacerdote da Fraternidade São Pedro* »; por acusar todos que o contradizem de não « *amar a Igreja, mesmo doente* » e de « *não ser mais católico* ». Este confrade concluía que « *o belo estilo literário do editorialista do Seignadou não pode esconder as reais fraquezas de sua argumentação* »: « *O ex-capitão Simoulin estaria cansado da luta?* »

Senhor Padre Simoulin, você não sabe que não se tratam as verdades como se tratam as praças fortes. A paz teológica só pode ser alcançada em espírito e verdade. Apenas duas soluções são possíveis: ou a conversão de Roma, ou a traição da Fraternidade.

Má Política

> « *Deveremos realmente, dizias no Seignadou de dezembro de 2016, esperar a "conversão" de Roma, como o conde de Chambord esperava a bandeira branca, e a "conversão" da república, que ainda esperamos?* »

Para ter ousado escrever este vil sofisma, era necessário demonstrar uma grossa vontade de manipular as mentes ou uma grande tolice intelectual.

Você se tornou um partidário da adesão de Leão XIII? Você! O antigo Reitor do Instituto que aprovava a conclusão da revista do Instituto, que era:

« *Leão XIII pode, portanto, ser justamente considerado como o pai fundador da doutrina pontifical dos direitos humanos* »?

Conclusão desaprovada por Dom Lefebvre…

Não sei se você foi um bom militar, mas sua reflexão tola mostra que você é um mau político. Você conhece evidentemente a primeira encíclica de São Pio X, declarando, em 1903, que temos o « *direito de temer* » que a « *perversão dos espíritos* » à qual assistimos « *não seja o começo dos males anunciados para o fim dos tempos* ». Você sabe disso, mas isso não tem nenhuma consequência prática em seu ensino e em sua ação.

Fraca Espiritualidade

Suas deficiências políticas não viriam de deficiências espirituais? Você afirma que todas as saídas de confrades da FSSPX têm como causa, « *a mais radical: uma falta de fé nas graças recebidas por Dom Lefebvre e na graça da Fraternidade* ». Então você cita « *o P. Libermann* » para justificar suas palavras com uma observação que se pretende espiritual. É um autor que você aprecia particularmente e que você citava frequentemente no seminário. Mas esse autor, muito bom para tempos de paz, é menos adequado para tempos apocalípticos. Talvez seja isso que explique seus desvios na crise que vivemos. Dom Lefebvre havia, no entanto, alertado:

> « *O padre Emmanuel e o padre Calmel são os dois grandes autores espirituais de nosso tempo, são profundamente tomistas, isso dá uma base sólida à sua espiritualidade, ao contrário de outros autores influenciados por Saint-Sulpice, como Libermann. Com estes últimos, corre-se o risco de cair no sentimentalismo ou no voluntarismo ou no pacifismo. Por causa disso, o clero estava pronto para cair no momento da crise, faltava-lhe uma espiritualidade forte.* »

Combate à Fé e Inimigos da Fé

Você afirma com veemência que alguns « *confrades extraviados* », « *sob a cobertura de uma nova resistência* », se opõem à Fraternidade « *por posições intempestivas* », enquanto « *hoje, a Fraternidade continua essa obra de resistência* ». E você nos reprova por termos sido infiéis à « *graça da Fraternidade* ».

Você tem certeza de que « *a Fraternidade continua essa obra de resistência* »? Para ser breve, darei este exemplo triplo:

1. Foi em uma direção *espiritual* que o Sr. Padre Sélégny me explicou que « *se os judeus devem ser respeitados no exercício de seus direitos legítimos, não se deve ignorar sua perigosidade, nem deixar de reprimí-la. E é assim que a Santa Sé implementou, com energia, a disciplina do gueto, ou seja, o isolamento dos judeus e a restrição de seus direitos civis* » e me aconselhou a leitura da obra do Padre Julio Meinvielle, reeditada pelo seminário de Écône e intitulada « *Os Judeus no Mistério da História* », cujo epílogo concluía: « *A mentira é a grande arma do diabo e de seus filhos, os judeus. … Daí vem que o método próprio do judaísmo em sua luta contra os povos cristãos seja armar armadilhas. Ele mata os povos cristãos sob a aparência de salvá-los. Ele os reduz à escravidão em nome da liberdade. Ele os odeia sob o pretexto da fraternidade. Ele os domina sob o pretexto da igualdade. Ele os oprime sob o pretexto da democracia. Ele os rouba sob o pretexto do crédito. Ele os envenena sob o pretexto da ilustração.* »

2. Foi em uma conferência *espiritual*, no seminário do Santo Cura d'Ars em Flavigny, que pela primeira vez ouvi falar de Léon Degrelle, o « *Chefe do Rexismo belga antes da Segunda Guerra Mundial, e,*

durante a mesma, o Comandante dos Voluntários belgas da Frente Oriental, lutando na 28ª Divisão das Waffen S.S. Wallonie ». O diretor, Padre André, nos leu a carta que ele havia enviado a João Paulo II, por ocasião de seu projeto de visita ao campo de Auschwitz em 1979, para alertá-lo contra a recuperação hollywoodiana que não faltaria em tal ocasião. Para Léon Degrelle, « *o caso dos "seis milhões de judeus"* » é « *a fraude financeira mais lucrativa do século* » e foi feito « *com grandes exageros, mentiras e pseudo "confissões", recheadas de contradições gritantes, arrancadas pela tortura e terror nas masmorras soviéticas ou americanas* ». Isso foi o que pude ouvir em um seminário da Fraternidade Sacerdotal São Pio X e com mais de trinta seminaristas presentes.

3. Foi durante uma leitura *espiritual*, no seminário de Écône, do qual você era o diretor, que ouvi Dom Lefebvre encorajar os seminaristas a ler « *os livros de M. de Poncins* » sobre os B'naï B'riht, essa « *seita maçônica judaica, reservada para os judeus* »: « *Esses B'naï B'right estão em toda parte e são eles que comandam o mundo, pois são esses judeus que têm todos os bancos nas mãos, esses judeus que têm todos os assuntos importantes em suas mãos. Eles comandam tanto na Rússia quanto na América, quanto em todo o mundo. São eles que distribuem as medalhas da liberdade religiosa.* »

Padre Simoulin, você leu M. de Poncins? Dom Fellay leu Degrelle, Meinvielle, de Poncins? Se sim, ele permaneceu fiel ao combate pela verdade?

Em uma entrevista com *Conflict Zone* de 1º de março de 2016, Tim Sebastian pergunta a Dom Fellay por que ele disse « *que os judeus eram parte daqueles que, durante séculos, foram inimigos da Igreja* ».

– Dom Fellay: « *Eu quis dizer que os judeus viam a Igreja como um inimigo. Não era uma descrição da outra parte. Talvez eu não tenha me expressado corretamente.* »

– CZ: « *Roma o repreendeu, o porta-voz do Vaticano, Frederico Lombardi, disse que era impossível falar dos judeus como inimigos da Igreja.* »

– Dom Fellay: « *Sim, é verdade. Mas isso nunca foi minha intenção, nunca.* »

Em 2012, um jornalista da CNS perguntou a Dom Fellay se o livro « *Os Judeus no Mistério da História* » do Padre Meinvielle, em destaque entre outros títulos na livraria de Écône, era um livro que expressava « *opiniões dominantes na Fraternidade hoje*? » Dom Fellay respondeu: « *Não que eu saiba* ». O jornalista então perguntou se ele « *aprova os pontos de vista do livro*? » Resposta de Dom Fellay: « *Não exatamente.* »

O Espírito de Dom Lefebvre?

O pretensioso Ennemond-Jacques-Régis du Cray escreve que você é uma das pessoas « *que realmente conheceu muito de perto Dom Lefebvre e que recebeu as maiores orientações para o futuro* ». E você mesmo afirma: « *Acredito conhecer um pouco a Fraternidade da qual sou membro há 35 anos* ».

Que maravilha! Judas também esteve muito próximo de Cristo; Ele até lhe confiou altas responsabilidades. Isso foi suficiente para transmitir « *o legado de seu fundador* »?

Podemos duvidar de sua capacidade de julgamento ao ler, sob sua pena, que o ano dos sacramentos foi a ocasião para Dom Lefebvre « *ver* ***Roma de repente tornar-se favorável à tradição*** *e abençoar novas comunidades encorajadas a fazer o que lhe havia sido proibido* ». Para um ex-militar, não compreender as manobras do inimigo é bastante decepcionante.

Você não tem vergonha, à sua idade, de dizer tais tolices? Sei que o ridículo não mata, mas cuide-se um pouco. E, por favor, deixe Dom Lefebvre em paz, pois sabemos com que honestidade você cita suas palavras.

No *Seignadou* de setembro de 2014, você citava *O Itinerário Espiritual* de Dom Lefebvre dizendo:

> « *A “Romanidade” não é uma palavra vã* **…** *Amemos examinar como os caminhos da Providência e da Sabedoria divina passam por Roma e concluiremos que não se pode ser católico sem ser romano* ».

Pelos três pontos, você omitia 20 linhas nas quais Dom Lefebvre falava da « *ocupação de Roma pelos maçons* », da « *destruição da Roma católica pelos clérigos e Papas modernistas que se apressam em destruir todo vestígio de “Romanidade”* ».

Em suma, você conseguiu fazer Dom Lefebvre dizer o oposto do que ele afirmava, especialmente ao omitir conscientemente esta pequena frase:

> « *Este zelo contra a “Romanidade” é um sinal infalível de ruptura com a fé católica, que Roma já não defende* ».

Como devemos julgar seu trabalho? Não seria isso uma obra subversiva?

Você se lembra do que, como Reitor do Instituto, você escreveu para a Srta. A. para parabenizá-la por sua Tese (desaprovada por Dom Lefebvre):

> « *Cara Senhorita, […] Começo a conhecer Dom Lefebvre, e ele às vezes é desconcertante. Como todo homem, ele tem fraquezas, o que não impede sua lucidez sobre o essencial… graças a Deus.* »

Assim como você, penso que se pode criticar Dom Lefebvre, mas é preciso fazê-lo de maneira honesta e inteligente.

Extraordinário!

Desde sua visita ao Cardeal Hoyos em 2001, com o Padre Rifán de Campos, você não cessou de promover, em nome da “romanidade” ou em nome de “Dom Lefebvre”, a estranha doutrina da « *Igreja conciliar* » que

> « *permanece sempre a Igreja católica, nossa mãe, sepultada, adormecida e mais ou menos reduzida ao silêncio. […] Onde se situa exatamente a fronteira entre os dois espíritos, as duas igrejas, as duas Romas? A partir de quando é que se está verdadeiramente conciliar ou não se está de todo?* »

Que péssima piada! Você já sofria, em 2001, de distúrbios de memória e comportamento?

Em 1993, você sabia que era necessário « *rejeitar todo o texto* » do « *Novo Catecismo* », pois, dizia você, _« *o conciliar sufoca o católico.* »_

Em 6 de julho de 1988, você sabia discernir entre essas duas Romas, uma vez que assinou uma carta aberta ao Cardeal Gantin, dizendo:

> « *Por outro lado, nunca quisemos pertencer a este sistema que se qualifica a si mesmo de Igreja conciliar, e* ***se define*** *pelo Novus Ordo Missae, o ecumenismo indiferentista e a laicização de toda a Sociedade.* »

Senhor Padre Simoulin, não é a definição da igreja conciliar que mudou; é você, é Dom Fellay, é a Fraternidade...

E sua causa é tão pouco defensável que, no *Seignadou* de dezembro de 2016, você se vê reduzido a fazer a apologia de Dom Fellay com esta pergunta patética: « *Quem pode dizer que teria feito melhor?* »

Sua causa é tão pouco defensável que, no *Seignadou* de dezembro de 2016, você fala dos « *canalhas que habitam a Igreja* » para se referir aos modernistas inimigos da fé católica. Esse eufemismo e infantilidade o traem. Você esqueceu os termos de Dom Tissier, Dom Lefebvre ou do Padre Calmel? Para eles, a igreja conciliar é « *uma seita que ocupa a Igreja católica* »,

> « *uma máfia incrível ligada à maçonaria* », « *uma falsificação da religião, uma pseudo-igreja dissimulada na verdadeira* »...

Senhor Padre Simoulin, você faz « *uma obra nefasta* ».

Fique à vontade para desejar se submeter à autoridade dos apóstatas que ocupam o Vaticano... Mas pare de dizer qualquer coisa.

Pare de afirmar que « *desde 2000, muitas coisas mudaram* ». Você mesmo escrevia que « *Bento XVI é inflexível quanto à questão do Concílio e sua doutrina* » e que Francisco

> « *parece não se interessar nem pela doutrina, nem pela liturgia. … Por isso, parece completamente capaz de fazer cessar a injustiça que afeta a Fraternidade desde 1976 por simples "ecumenismo" interno à Igreja* ».

Paciência! O momento se aproxima em que você será reconhecido como católico por um "anticristo". Um dia virá em que você poderá desfrutar do status de católico extraordinário, e você terá bem merecido, pois não poupou esforços para isso.

O conselho de sua irmã

Você escreve que deseja « *rezar por esses pobres confrades cegos…* »

Quem você vai rezar? "São João Paulo II"? Recusar isso seria, para você, uma tendência ao cisma...

Quanto a mim, vou rezar pela sua irmã religiosa falecida, Madre Anne-Marie Simoulin. Ela também estava perdida: ela dizia seu desejo de refazer, em caso de acordo com a Roma modernista. Ela até mesmo lhe aconselhou, em uma de suas últimas cartas, a seguir o conselho que você dava aos seus confrades: o de "*ficar em silêncio*".

A realidade é simples, e você sabe disso. Ela foi dita várias vezes no passado:

> *« Roma tentará, através dos traidores, nos fazer ceder. Para permanecer firmes, precisaremos de uma boa capacidade de resistência ao desgaste. »*
>
> *« Será necessário esperar que Roma tente nos fazer entrar no amalgama universalista, onde acabaremos sendo oferecidos um lugar "entre os outros"… Pode-se pensar que a tentação de entrar na "oficialidade" pode ser grande, na proporção das ofertas que a Roma ecumênica possa nos fazer; recusando então entrar nesse jogo de confusão, seremos vistos como os vilões maus. »*

Senhor Padre Simoulin, é preciso "manter a razão".

Esta carta tem como único objetivo ajudá-lo nisso.

Padre Olivier Rioult
1º de janeiro de 2017

letra-aberta-a-simoulin